

Revista

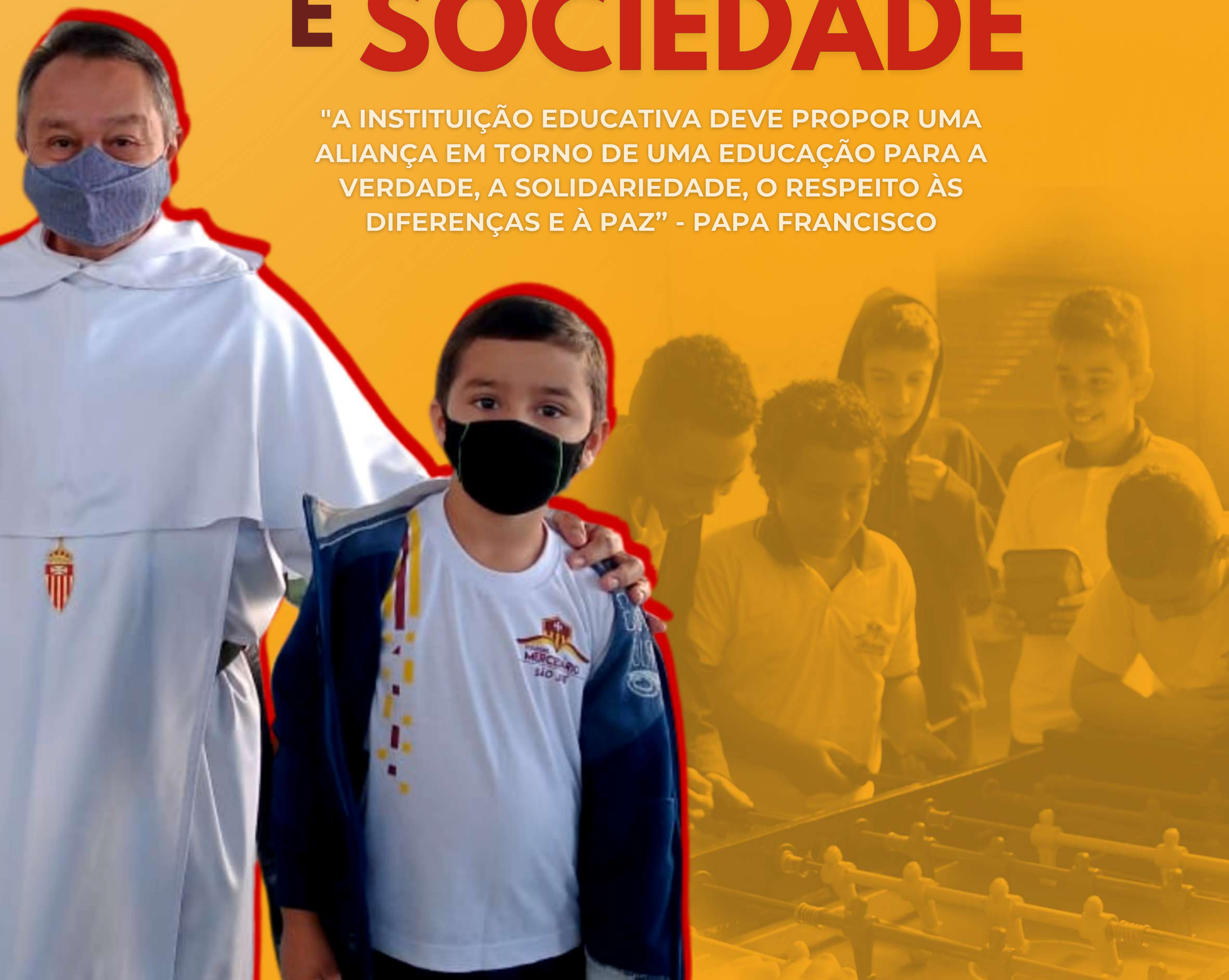
MERCÊ

Uma publicação trimestral da Ordem Mercedária no Brasil - Abril 2022



IGREJA E SOCIEDADE

"A INSTITUIÇÃO EDUCATIVA DEVE PROPOR UMA
ALIANÇA EM TORNO DE UMA EDUCAÇÃO PARA A
VERDADE, A SOLIDARIEDADE, O RESPEITO ÀS
DIFERENÇAS E À PAZ" - PAPA FRANCISCO



EXPEDIENTE

Superior Provincial da Ordem das Mercês:

Fr. John Londerry Batista, O. de M.

Editor Chefe:

Frei Elinaldo E. e Silva, O. de M.

Correção e Revisão:

Prof. Elza Atála

Frei Elinaldo E. e Silva, O. de M.

Participaram nesta edição:

Celia Soares de Sousa

Pe. Frei. Inácio José, O. de M.

Padre Pedro Igor Leite

Manuel Maria Rodrigues Losada

Pe. Frei Fernando Henrique, O. de M.

Projeto gráfico e diagramação:

Lucas Fontenele.

Ordem Mercedária no Brasil

Avenida L2 Sul, quadra 615, Bloco D,

CEP 70200-250, Brasília - DF.

Fone: (61) 3346 1952.

www.revistamerce.com.br



EDITORIAL

Chegamos à edição de número 55 da nossa Revista Mercê, a quarta em formato totalmente digital. Nessa edição apresentamos o tema: Igreja e sociedade, propondo uma reflexão de como estamos exercendo nossa missão de tornar presente o Reino de Deus no meio de nós por meio da assimilação dos valores do evangelho? Pois percebemos que muitas pessoas ditas 'cristãs', católicas ou evangélicas tem oferecido um testemunho ambíguo ou até mesmo contraditório com a mensagem de Jesus.

Precisamos de testemunhas qualificadas para uma presença qualificada do cristianismo na sociedade. Isso significa voltar ao evangelho como insiste o teólogo espanhol José Antônio Pagola. Voltar à mensagem de Jesus é voltar à essência da fé cristã, pois Jesus não era um religioso moralista, mas um profeta que defendia a fraternidade, a justiça e a paz.

Esses valores são irrenunciáveis e também inegociáveis, pois sem eles a mensagem cristã se desvia e se esvazia. Em nossa sociedade brasileira percebemos muitos cristãos agindo contra os valores do evangelho e agredindo as instituições sociais e a Igreja. Isso revela um cristianismo de verniz e de fachada centrado em si mesmo e incapaz de socorrer aos mais necessitados.

Em outras palavras, podemos dizer que se trata de uma heresia, isto é, uma compreensão heterodoxa da fé surgida em ambiente eclesial, que minimiza o significado prático da fé e suas consequências. Essa 'espécie de neo-jansenismo'¹ vem crescendo no mundo católico entre os grupos mais conservadores, que tendem a adotar ideologias de extrema direita.

É necessário reconceituar a nossa experiência de fé nesse cenário hodierno, mostrando o que lhe é próprio e o que efetivamente não faz parte dela. A violência, por exemplo, não faz parte da mensagem de Jesus. Um cristão que é adepto da violência não segue a Cristo, mas sim a seus próprios impulsos e instintos.

A Revista Mercê sempre nos apresenta uma proposta de vida e liberdade, por isso selecionados excelentes autores e belas reflexões para que você possa descobrir cada vez mais o horizonte da liberdade dos filhos e filhas de Deus. Esse dom é graça, bênção, e nos faz partícipes de sua vida divina. Boa Leitura!

Pe. Frei Elinaldo E. e Silva, O. de M.

¹ O jansenismo é uma doutrina religiosa inspirada nas ideias de um bispo de Ypres, Cornelius Otto Jansenius. Como movimento tem caráter dogmático, moral e disciplinar, que assumiu também contornos políticos, e se desenvolveu principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII, no seio da Igreja Católica e cujas teorias acabaram por ser consideradas controversas por esta, desde 16 de outubro 1656, através da bula Ad sacram subscrita pelo papa Alexandre VII. Defende uma interpretação das teorias de Agostinho de Hipona sobre a predestinação contra as teses tomistas do aristotelismo e do livre-arbítrio. Wikipédia: A enciclopédia livre. Jansenismo. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jansenismo>> Acessado dia: 04/04/22.

SUMÁRIO



SINODALIDADE EM TEMPOS DE FRANCISCO

04



A RELAÇÃO ENTRE IGREJA E SOCIEDADE

09



DA TRINDADE À EUCARISTIA: OS CAMINHOS DA IGREJA SINODAL

15



NOSSA SENHORA DAS MERCÊS E SÃO JOSÉ

20



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS: 60 ANOS NA MISSÃO DE EDUCAR E ENSINAR!

26



A VIRGEM DA LUZ: MÃE, LIBERTADORA E PADROEIRA

29



10 ANOS DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

32



PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E NOSSA SENHORA DAS MERCÊS É MAIS ANTIGA QUE A CIDADE DE BRASÍLIA

34

SINODALIDADE EM TEMPOS DE FRANCISCO

O Papa Francisco coloca a Igreja em estado de missão. Uma missão que exige escuta e discernimento, diálogo e mudança. Mudança de postura para uma Igreja que seja mais acolhedora e sobretudo, samaritana, capaz de escutar, caminhar e cuidar dos caídos à beira do caminho.

O momento é oportuno, no entanto, para refletir se a Igreja tal como ela se encontra hoje, está disposta a se colocar em estado permanente de missão e de ir ao encontro dos que mais precisam, seja do pão de cada dia, seja da Terra, do Teto e, ou do Trabalho.

As Conferências Episcopais Latino-Americanas e Caribenhas, a partir de Medellín, apresentaram, para a Igreja, a necessidade de voltar às fontes das primeiras comunidades. Elas colocavam tudo em comum e ninguém passava necessidade.

Colocar em comum significa partilhar os dons, os bens e também os espaços de decisão. Todos participam para que as comunidades sejam, prioritariamente, espaços de partilha e de participação. De Comunhão verdadeira, cuja fonte é a Trindade Santa!

Portanto, Sinodalidade não é uma novidade para a Igreja. A expressão na sua etimologia, o termo grego significa “caminhar juntos”. O Papa Francisco afirma que a sinodalidade não é um slogan, mas é um estilo, portanto, uma postura a ser assumida por toda a Igreja em todas as suas instâncias.

“O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” Papa Francisco.

Esse caminho remete a um compromisso radical, exige mudança de mentalidade, de postura e decisões, sobretudo nos espaços de decisão da Igreja, fortemente centralizados no clero e com os bispos.



Neste sentido, apresenta-se um cenário desafiador, no que tange à participação efetiva do laicato nas instâncias de decisão da Igreja. Pelo Batismo todos os cristãos recebem a tríplice missão – o *múnus* sacerdotal, profético e real, incorporado a Cristo pelo Batismo. *Múnus* vem do latim e significa unção, missão ou obrigação que deve ser exercida por alguém.

O Cardeal Dom Sérgio da Rocha enfatiza que “a sinodalidade não é uma questão restrita à organização ou funcionamento eclesial, mas pertence à própria natureza da Igreja, isto é, possui fundamentação teológica. O horizonte da sinodalidade é eclesiológico, espiritual, e não funcional”¹.

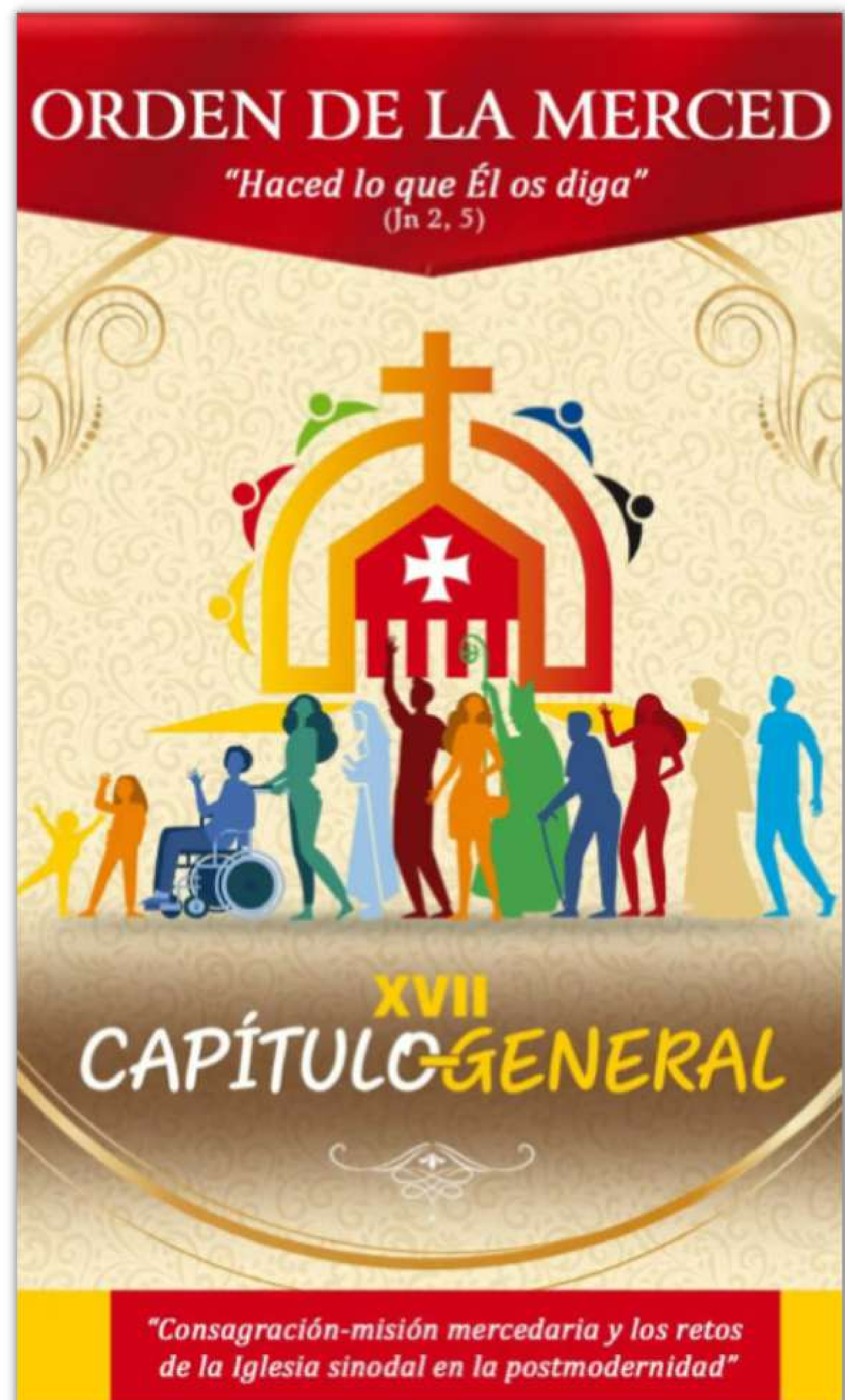
Para o Cardeal Rocha, é importante retomar a eclesiologia do Concílio Vaticano II que apresenta a Igreja como “mistério”, sinal e instrumento de comunhão, e como “Povo de Deus”, no qual há diversidade de vocações e ministérios, mas “reina entre todos verdadeira igualdade quanto à dignidade e ação comum a todos os fiéis na edificação do Corpo de Cristo” (*Lumen Gentium* 32). Trata-se de uma Igreja servidora, ministerial, na qual a autoridade se exprime como serviço e o próprio Sucessor de Pedro se apresenta como “servo dos servos de Deus”.

Francisco, que assumiu como bispo de Roma e Papa da Igreja Católica em 2013, tem promovido diálogos com crentes e não crentes, e certamente essa ação toca nos problemas e conflitos existenciais e geográficos. Promoveu os Sínodos dos Bispos sobre a Família, sobre e com a Juventude e o Discernimento vocacional, e em 2019 o Sínodo sobre a Amazônia.

O pontífice convocou os jovens para assumirem a reforma social de uma nova Economia, quando afirmou que é preciso “realmar a Economia”, pois esta que a sociedade assume, mata, empobrece e não colabora com a construção do Reino de Deus.

A partir desse chamado, diversos jovens de várias partes do mundo iniciam uma reflexão e ações para um novo projeto a partir da Igreja para a sociedade, a Economia de Francisco é Clara.

O jesuíta Bergoglio, na opinião do Prof. Menozzi², “chama a atenção mundial porque é um dos poucos homens de governo capazes de abordar temas de interesse comum: a globalização guiada pelo lucro, a ecologia, as migrações em massa, a terceira guerra mundial em pedaços... Mas ele não é ouvido apenas por esse motivo”. Certamente, Francisco toca o drama e o sofrimento humanos.



XVII CAPÍTULO GERAL ORDEM DAS MERCÊS

¹ ROCHA, Sérgio. Sinodalidade: o que é? Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/sinodalidade-o-que-e/>

² MENOZZI, Daniele. A Igreja, Francisco e as Resistências. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582381-a-igreja-francisco-e-as-resistencia-entrevista-com-daniele-menozzi>

A sinodalidade não é opcional, é a essência da Igreja. Essa afirmação repetida diversas vezes pelo Papa Francisco, fundamenta diversas reformas que ele vem promovendo, por exemplo, a institucionalização dos ministérios não ordenados de Catequistas, Leitorato e Acolitato.

As ações de Francisco repercutem como positivas ao interagir e integrar grande parcela da Igreja, o Povo de Deus. A Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe foi um exemplo. O evento que teve na sua primeira fase a escuta e o discernimento desde o início do ano de 2021, entre os dias 21 e 28 de novembro de 2021 realizou-se de maneira virtual o encontro com mais de 1000 participantes, sendo que destes em média 100 pessoas participaram de modo presencial, no México. Isso se deu pelo fato do evento ter sido realizado em tempos de pandemia do Covid.

A compilação das respostas resultou primeiramente em 41 desafios e no final em 12 prioridades para a ação pastoral da Igreja na América Latina e Caribe, a saber:

1. Reconhecer e valorizar o papel dos jovens na comunidade eclesial e na sociedade como agentes de transformação.
2. Acompanhar as vítimas de injustiças sociais e eclesiais com processos de reconhecimento e reparação.
3. Promover a participação ativa das mulheres em ministérios, órgãos governamentais, discernimento e tomada de decisões eclesiais.
4. Promover e defender a dignidade da vida e da pessoa humana desde a sua concepção até o seu fim natural.
5. Aumentar a formação da sinodalidade para erradicar o clericalismo.
6. Promover a participação dos leigos em espaços de transformação cultural, política, social e eclesial.
7. Ouvir o grito dos pobres, excluídos e descartados.



ESTAMPA DA CAMISA PARA FESTA DE SÃO PEDRO NOLASCO
CAPELA SÃO PEDRO NOLASCO - DF

8. Reformar os itinerários formativos dos seminários, incluindo temas como ecologia integral, povos nativos, inculturação e interculturalidade e pensamento social da Igreja.
9. Renovar, à luz da Palavra de Deus e do Vaticano II, nosso conceito e experiência da Igreja do Povo de Deus, em comunhão com a riqueza de sua ministerialidade, que evita o clericalismo e favorece a conversão pastoral.
10. Reafirmar e dar prioridade a uma ecologia integral em nossas comunidades a partir dos quatro sonhos da Querida Amazônia.
11. Promover um encontro pessoal com Jesus Cristo encarnado na realidade do continente.
12. Acompanhar os povos nativos e afrodescendentes na defesa da vida, da terra e das culturas.

O enorme desafio é recepcionar as prioridades da Assembleia Eclesial nas Dioceses e comunidades, e assumi-las no Plano Pastoral, a fim de que toda a Igreja avance no caminho da Sinodalidade. Para isso serão necessárias ações, mais do que textos e discursos.

Concomitante a esse processo de escuta, o Papa Francisco convocou o Sínodo dos Bispos para 2023, cujo tema é sobre a Sinodalidade na Vida da Igreja, e o lema: Por uma Igreja sinodal: Comunhão, Participação e Missão. Toda a Igreja é chamada a rever e revisar o seu jeito de ser Igreja nos últimos tempos. O Sínodo já se antecipa desde os grupos, pastorais e dioceses nas diversas fases, sobretudo com os questionários na fase diocesana, e seguirá com as sínteses dos bispos até a conclusão do evento, em 2023.

Façamos a nossa parte como cristãos batizados. Não permitamos que o sopro da Divina Ruah, o Santo Espírito de Deus, passe despercebido por nós, por nossas ações e pela Igreja neste tempo oportuno, neste *kayros*.

O Papa Francisco chama todos batizados para uma Igreja “em saída”. A decisão de colocar-se em estado de “saída” irá exigir: coragem, sabedoria, renúncias, desapegos e deixar-se moldar Artista da Criação. Ou seja, para ser uma Igreja sinodal será necessário descer de pedestais; ser uma Igreja que acolhe, escuta e “caminha junto”, no seguimento de Cristo Jesus; abrir-se à Graça de Deus, com o desejo de dar um verdadeiro contributo para a Igreja, Povo de Deus.



09/10/2021 - INÍCIO DO CAMINHO SINODAL (VATICAN MEDIA)



Celia Soares de Sousa

Mestre em Teologia pela PUC-SP e especialista em Mariologia pela Faculdade Dehoniana e Academia Marial de Aparecida.

FALA COM SABEDORIA, ENSINA COM AMOR

(Cf. Pr 31,26)



AMOR SABEDORIA



COLETA SOLIDÁRIA



HINO DA CAMPANHA

A RELAÇÃO ENTRE IGREJA E SOCIEDADE

Em nosso contexto brasileiro, vemos a tentativa da religião ocupar os espaços públicos. Nas últimas eleições, cresceu o número de candidaturas vinculadas às Igrejas, sobretudo evangélicas e pentecostais. Existe a expectativa de, nas próximas eleições, esse número cresça cada vez mais. Os candidatos católicos, ou são religiosos que deixam a missão para assumir uma função pública, ou são leigos fundamentalistas engajados em movimentos carismáticos eclesiais. Recentemente, surgiram supostos escândalos, promovidos por pastores evangélicos, dentro do Ministério da Educação, possuidor em suas pastas de um dos maiores recursos econômicos, com os quais se pode promover favores. Diante destas situações, pergunta-se: que tipo de relação deve haver entre Igreja e sociedade?

CONTEMPLANDO O PASSADO...

Voltando o olhar para a história da Igreja, recorda-se que no passado, o poder religioso estava vinculado ao poder político, sobretudo no tempo medieval. O papa era, praticamente, o rei de toda a Europa. A sociedade vivia um clima de cristandade: na moral e os costumes do povo eram pautados pelos valores cristãos, bem como, todas as questões surgidas na subjetividade humana eram respondidas pela fé católica. Não havia espaço para a pluralidade. Sujeitos que buscassem respostas por meio das ciências, ou pautassem suas vidas por outra experiência religiosa, não sendo a católica, eram perseguidos.

Com o advento da modernidade, o sujeito passou a buscar as respostas por si mesmo e tudo que não passasse pelo crivo da razão, ou da ciência, era questionável. Com a reforma protestante, o catolicismo passou a perder hegemonia e espaços na política. A sociedade se tornou plural e o catolicismo passou a ser uma das vozes dentre tantas outras existentes na sociedade, deixando de ser a voz determinante na moral, nos costumes e na fé.



CONTEMPLANDO O PRESENTE...

Atualmente vive-se o que os autores chamam de pós-modernidade. Percebe-se a exacerbação dos valores modernos tais como: individualismo, hedonismo etc. Diante disso, setores mais conservadores dentro do catolicismo, publicamente, manifestam sua insatisfação com a postura dialogal assumida pela Igreja Católica com a sociedade, a partir do Concílio Vaticano II. As Igrejas evangélicas, por sua vez, com as suas visões fundamentalistas da fé e da bíblia, procuram ocupar os espaços públicos, tendo, de fato, um plano político desrespeitoso com o pluralismo religioso de nossa sociedade ou a laicidade estatal. Uma vez que o Estado é laico, este deve promover o respeito entre todas as expressões religiosas e dos ateus, mas não se pautando por uma postura religiosa nas suas decisões políticas, pois a carta magna da nação não é a Bíblia, mas sim a Constituição Brasileira.

Sendo a bíblia a fonte primeira de toda reflexão teológica, queremos a partir do novo testamento, buscar pistas que nos orientem acerca da relação Igreja e sociedade.



COM QUATRO SESSÕES, CONCÍLIO VATICANO II REALIZOU-SE DE 11 DE OUTUBRO DE 1962 A 8 DE DEZEMBRO DE 1965

CONTEMPLANDO A PALAVRA...

Do ponto de vista da doutrina e da catequese católica, sempre se afirmou que Jesus quis e fundou uma Igreja¹. Sem negar a doutrina católica, hoje prefere se dizer que Jesus é o fundamento da Igreja, mas não que, explicitamente, Ele quisesse fundar uma nova comunidade religiosa. Vários autores e pesquisadores², compreendendo a pessoa de Jesus histórico, dentro do contexto judaico do século I, O afirmam como um profeta apocalíptico, ou seja, um pregador da chegada iminente do Reino de Deus, tal qual João Batista³.

O Reino de Deus seria a intervenção definitiva divina na história humana, por meio do Messias. Ele haveria de governar para sempre Israel, e, a partir desta nação, proporcionar justiça, paz e fraternidade ao mundo todo. Uma vez chegado o Reino de Deus, não existiria mais a necessidade de uma nova comunidade religiosa, pois o próprio Deus estaria presente na consciência de toda a humanidade⁴.

¹ Catecismo da Igreja Católica n. 763-766.

² Albert Schweitzer (1906), Bart Ehrman (2001), dentre outros.

³ Mt 3,2; 4,17; Mc 1,14-15; Lc 4,43. "Reino dos céus", em Mt, tem o mesmo significado de "Reino de Deus" dos demais sinóticos.

⁴ Sobre o Reino de Deus cf. Is 9,7; Jr 23,5; Dn 7,13-14. Sobre o conhecimento de Deus cf. Is 11,9; Jr 31,34; Hb 2,4.

Comparando os evangelhos, nota-se a cena na qual, Pedro afirma Jesus enquanto Messias. Apenas em Mateus, num único versículo, Jesus afirma que fundaria uma Igreja.⁵ A mesma cena nos demais evangelhos não afirmam isso, levando-nos a crer, do ponto de vista da exegese bíblica, que este versículo retrataria um aspecto específico da comunidade mateana e não seria um dito originário de Jesus.⁶ Em tese, para um profeta apocalíptico, não haveria necessidade de Igreja, pois o Reino de Deus chegaria a qualquer momento.

Entretanto, sabe-se o que aconteceu com Jesus: foi barbaramente assassinado numa cruz pelo Império Romano. Sua morte não foi gratuita. Jesus foi assassinado pelo fato de ser profeta. Sua pregação sobre a proximidade do Reino de Deus gerava no coração das pessoas a insatisfação diante do reinado de César, que trazia para o povo judeu opressão, escravidão e morte. Jesus foi morto porque sua pregação sobre o Reino e sua pessoa foram considerados perigosos aos olhos do Império, como tantos outros crucificados.

Contudo, os discípulos afirmam que Jesus foi ressuscitado e exaltado à glória dos céus. Esta é a diferença entre Jesus e os demais crucificados de sua época. O que foi humilhado pelo poder político de então, foi exaltado pelo poder divino. Daí nasceu, na comunidade eclesial, a crença de que Jesus ressuscitado, voltaria uma segunda vez para estabelecer, de modo cabal, o Reino de Deus na história humana. Isso aconteceria em breve, conforme se nota em vários textos neotestamentários.⁷

Porém, a brevidade se tornou demora. Muitos começaram a questionar se Jesus, de fato, voltaria uma segunda vez. Afinal, os discípulos de Jesus, confessando-O como Messias, foram expulsos das sinagogas judaicas, tornando-se agora uma religião ilícita diante do Império, sendo obrigados a adorar o imperador como se fosse Deus e, como recusavam-se a esta prática, eram perseguidos e martirizados.⁸

Enquanto Jesus não voltava, o jeito era dignificar a vida dos desumanizados pelo Império Romano. Lendo as cartas paulinas, percebe-se que os membros da Igreja eram, precisamente, os marginalizados pela sociedade greco-romana de então.⁹ Aliás, “Igreja” é uma palavra, originalmente, vinda do mundo político e não do mundo religioso. Igreja era a assembleia dos cidadãos, daqueles que tinham voz e vez na sociedade e, deliberavam os caminhos e as decisões da comunidade.¹⁰ Nas comunidades eclesiais, aqueles que não tinham voz social, eram incluídos. Justificava-se, assim, a necessidade de uma Igreja, uma comunidade alternativa de cidadãos formada pelos discípulos de Jesus, fazendo uma contraposição à sociedade greco-romana excludente. Eles aguardavam, ansiosamente, a segunda vinda de Cristo, coincidindo com a chegada do Reino e durante esta espera, continuavam a praticar o que Jesus lhes havia ensinado, sendo presença samaritana junto aos sofredores, como forma de adiantar a chegada do Reino. A Igreja nasceu, assim, como consequência da demora da parusia.¹¹

⁵ Mt 16,18. Comparar com Mc 8,27-30 e Lc 9,18-21. O evangelho de João coloca a profissão de fé petrina em outro contexto, Jo 6,66-69.

⁶ Para os critérios metodológicos acerca da pesquisa dos ditos originários de Jesus cf. THEISSEN, Gerd. METZ, Annette. *El Jesus Historico*. Manual. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1999, p. 139-140. Este livro foi traduzido para o português pela Loyola.

⁷ Tais textos evidenciam a expectativa iminente da parusia: 1Ts 4,13-17; Hb 10,37; 2Pd 2,9; Ap 1,1; 2,16; 22,6.

⁸ Ap 7,14; 12,11. Apocalipse foi escrito no fim do séc. I, tendo como pano de fundo a perseguição romana contra os cristãos.

⁹ Trabalhadores manuais: 1Cor 4,12; Ef 4,28; 1Ts 4,11. Escravos: Ef 6,5; Cl 3,22; 1Tm 6,1; Tt 2,9. Mulheres: At 18,18; Rm 16,1,3; 1Cor 16,19; 2Tm 4,19.

¹⁰ Igreja. In: MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 432.

¹¹ É conhecida a polêmica frase de Alfred Loisy: “Jesus veio proclamando o Reino, e o que chegou foi a Igreja. (L’Evangile et l’Eglise). Atualmente, do ponto de vista histórico, tal frase é plenamente aceita.

O QUE A PALAVRA NOS INSPIRA?

Partindo do exemplo de Jesus, intui-se que o papel eclesial na sociedade há de ser a profecia. Inspirada pela Palavra de Deus, a comunidade eclesial deve fermentar as realidades sociais com os valores humanizantes, bem como, denunciar situações de injustiça destruidoras da dignidade humana. Nesse sentido, a Igreja não pode temer a perseguição e a incompreensão social quando levantar a voz contra os abusos dos direitos humanos, a corrupção, as agressões às vidas inocentes.

Da práxis das comunidades eclesiais primitivas, descobre-se que a Igreja, além de exercer a profecia, deve cuidar dos excluídos da sociedade. Este é um ponto que, seriamente, precisa ser refletido. Por causa do moralismo católico, muitos afastam-se de nossas comunidades e, por outro lado, membros de nossas Igrejas comportam-se como os fariseus no tempo de Jesus, tendo comportamentos preconceituosos, discursos de ódio e cheio de moralismos, para com os destoaantes da moral católica. O Papa Francisco propõe-nos uma Igreja acolhedora de todas as pessoas na sua condição existencial; ensina-nos a escutá-las com amor, acompanhá-las com atenção, discernir junto a elas um caminho de reconciliação com a Igreja.¹² A misericórdia deve sempre estar acima da moral!¹³

A Igreja não deve ansiar ocupar os espaços de poder público, de tal modo a forçar a fé e a moral cristã para todos, como tantos líderes religiosos evangélicos pretendem, mas sim, no meio social, ocupar-se das vítimas deste sistema econômico que mata, no dizer do Santo padre o Papa Francisco. A história pregressa da Igreja demonstra que a união de poder religioso e político causou sérios danos para sua vida espiritual e o seu testemunho evangélico.

O papel de ocupar os espaços públicos, na visão católica, é responsabilidade dos leigos. Estes sim, bem formados na Doutrina Social da Igreja, devem ocupar os poderes públicos, tendo em vista promover políticas públicas pautadas nos valores do evangelho, aqui entendido como essa proposta de humanização da sociedade, sempre respeitando o pluralismo religioso e de opiniões existentes em nossa sociedade. Nesse aspecto, o grande desafio do magistério católico é fazer com que sua doutrina social seja conhecida pelos fiéis. Não poucas vezes, sobretudo neste contexto político polarizado no qual vivemos, percebemos muitos católicos avessos à política ou alienados por ideologias políticas anticristãs.



SANTA DULCE ACOLHENDO AS CRIANÇAS

¹² Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, 291. 296-300.

¹³ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, 311.

CONCLUSÃO

Jesus, nos evangelhos, utiliza algumas metáforas para se referir à ação apostólica dos discípulos: sal da terra, luz do mundo e fermento na massa.¹⁴ O sal, na antiguidade, além de temperar a comida, conservava a carne e curava as feridas. A luz servia para iluminar a casa e, sobretudo, para os viajantes, a luz das estrelas servia de orientação. O fermento era considerado uma substância impura para o judaísmo, mas, sem ele, não se tinha o pão cotidiano. Essas metáforas podem ser aplicadas à Igreja.

Na sua relação com a sociedade, a Igreja é chamada a temperar as relações sociais com os valores evangélicos; a conservar, na sociedade, o valor inviolável da vida, sobretudo dos que mais sofrem e, mediante a acolhida fraterna, curar as feridas das pessoas. Tendo a Jesus Cristo e seu evangelho como sua maior riqueza, a Igreja deve propor o evangelho como luz que oriente as pessoas na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. A Igreja também é fermento: não deve temer relacionar-se com os que a sociedade e a própria comunidade religiosa consideram como impuros, mas acolhendo-os e incluindo-os, ser exemplo de uma sociedade onde haja vida e espaço para todos. E assim, adiantar a chegada do Reino, da qual quer ser sinal.



SANTA TERESA DE CALCUTÁ CUIDANDO DA ENFERMA

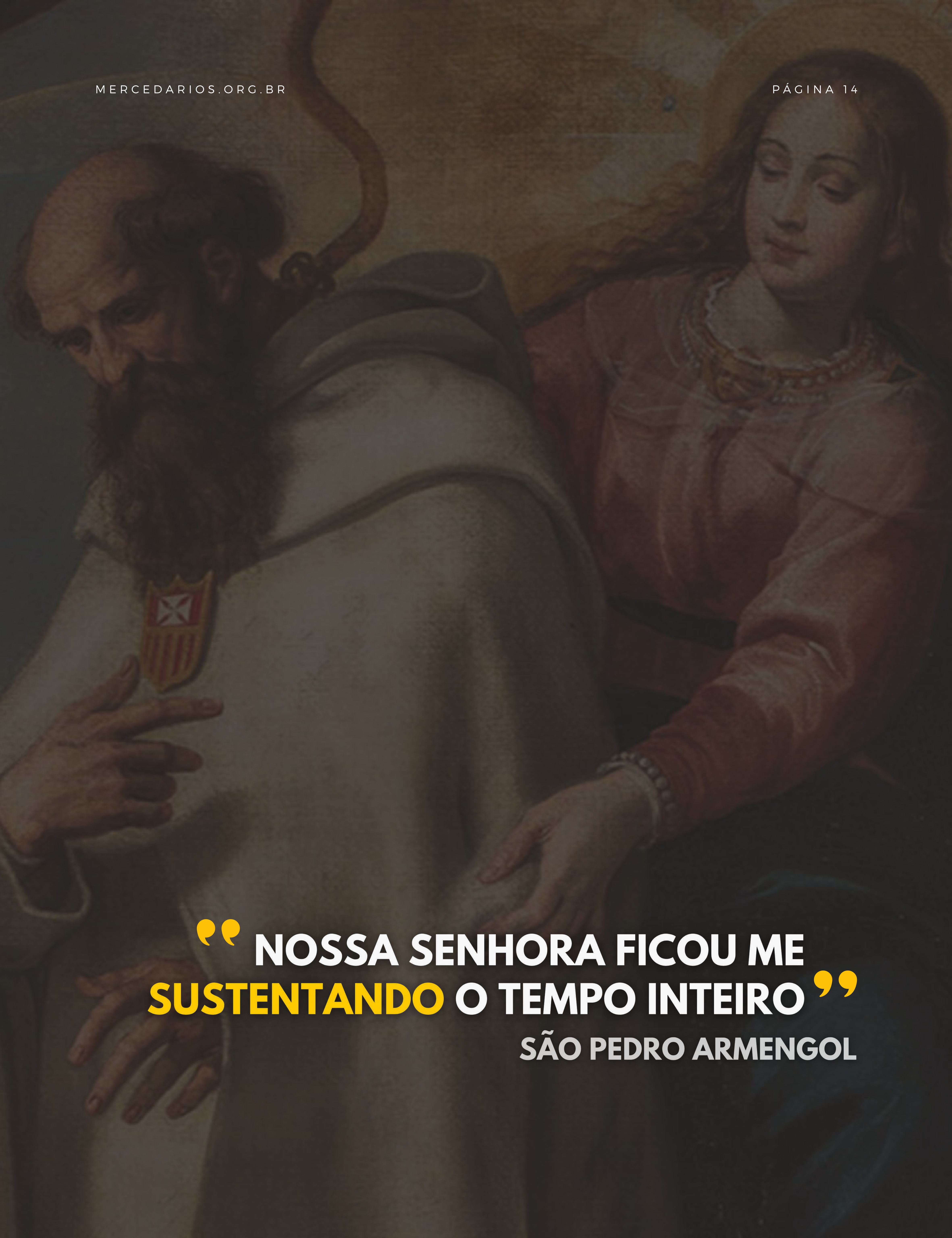


Pe. Frei. Inácio José, O. de M.

Mestre em Teologia Sistemática com concentração em Bíblia pela Faculdade de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE).

Pároco da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês em Ibirité-MG.

¹⁴ Mt 5,13-14; 13,33.



“ NOSSA SENHORA FICOU ME
SUSTENTANDO O TEMPO INTEIRO ”
SÃO PEDRO ARMENGOL

DA TRINDADE À EUCARISTIA: OS CAMINHOS DA IGREJA SINODAL

A Igreja está em processo de *sinodalidade* e para entendermos o que isso significa é fundamental, antes de qualquer avanço, fazer as devidas distinções conceituais a fim de que não alimentemos *slogans* pastorais ou modismos passageiros. Uma coisa é o organismo eclesial chamado *Sínodo* (*dos bispos/de todo o povo de Deus*). Este cuida da reflexão continuada de temas específicos, a fim de ajudar ao papa no discernimento pastoral da Igreja. Podem ser assuntos catequéticos, pastorais, sócio-ambientais etc. Tal evento, legítimo e consultivo, acontece ordinariamente de tempos em tempos e pode, de maneira extraordinária ser convocado segundo uma necessidade específica para uma região ou setores eclesiais. Outra coisa é a *sinodalidade*, entendida como dinamismo trinitário que ganha visibilidade sacramental na Eucaristia e, através dela, na comunhão eclesial. Em linhas gerais a expressão *Sínodo/Sinodal/Sinodalidade* expressa a pedagogia de Deus revelada por Jesus que nos convida a “caminharmos juntos” pelas estradas e desertos da vida.

Assim, o bispo de Roma convocou um *Sínodo* (organismo ordinário de escuta eclesial) para refletir sobre a *Sinodalidade* (caminho de comunhão e participação). Apresentaremos, a seguir, dois elementos que geram e *fundamentam* essa experiência na comunidade dos seguidores de Jesus e, por fim, alguns sintomas que rompem com esse projeto evangélico, recuperado no Concílio por Paulo VI e agora por Francisco, de maneira mais sistemática.

A SANTÍSSIMA TRINDADE GERA A SINODALIDADE

Se pudéssemos definir a natureza de Deus (o que é sempre uma tentativa muito perigosa, ousada e insuficiente) diríamos que Ele é comunhão. Nele não há, jamais, solidão nem a tristeza do isolamento. O Pai gera o Filho que é gerado pelo Pai e, esse ato mútuo, celebrado no tempo de Deus acontece na energia do Espírito Santo que é, na linguagem de Ricardo de São Vitor, o *condilectus*, o vínculo de perfeição. Essa geração é realidade contínua, não se esgota, não envelhece: é o agora de Deus.



Com isso cremos que o Deus libertador é, na verdade, uma comunidade de amor, com diferenças pessoais e participação cooperativa na sua íntima-unidade. O Pai ama o Filho e este lhe corresponde com amor – que supera qualquer sentimentalismo – visto que é a própria Pessoa do Espírito que une a ambos. Daqui compreendemos que o Espírito é o grande protagonista do vínculo, da união, da catolicidade, ou seja, da própria *Sinodalidade* como expressão da mais límpida vivência evangélica que busca congregar e não segregar.

Este mistério trinitário tem dois elementos importantes para nossa reflexão: de um lado, não suporta qualquer hierarquização – o Pai e o Filho juntos, ainda assim, não são maiores que o Espírito e vice-versa. Porque não existe essa hierarquização, há o que se chama de *pericorese*, ou seja, uma comunhão mútua que entendemos como harmonia sinodal *dentro* de Deus. De outro lado, tal mistério desprovido de hierarquia e, portanto, absolutamente sinodal não fica isolado lá no céu como se fosse um emaranhado de conceitos gregos e distantes da compreensão dos “pobres mortais”. Ele se comunica com a história, rasga o véu que separa o sagrado e o profano, o tempo e a eternidade: “Eu vi a miséria de meu povo... ouvi o seu clamor... por isso desci para libertá-lo” (Ex 3, 7-8). E isso não se trata de uma figura de linguagem, uma metáfora para enfeitar o texto. A descida de Deus é tão verdadeira que ela encontrou lugar na Pessoa de Jesus de Nazaré que, antes de morrer-ressuscitar, celebrou a comunhão com seus seguidores num culto de *ação de graças* ao Pai, no Espírito.

O culto do qual falamos foi, na verdade, toda a sua vida. De modo mais objetivo começou naquela quinta-santa com o lava-pés/ceia e chegou ao seu auge no sacrifício redentor da cruz, porta da ressurreição. Esse mistério pascal se faz presente para nós na Eucaristia. Ela *fundamenta* a comunhão, por-



que reúne o corpo eclesial em torno de Cristo – pão vivo descido do céu. Com isso entendemos que a Eucaristia faz a Igreja, porque antes de tudo, todo o movimento de Deus é comunhão. Noutras palavras, a comunhão eucarística possibilita a comunhão eclesial e não pode haver uma dissociada da outra, porque senão haverá idolatria e solidão de um lado e, burocracia e moralismo, de outro.

Gostaria, portanto, de me deter mais especificamente no sacramento da Eucaristia. E isto por dois motivos: o primeiro é por causa do Congresso Eucarístico Nacional que se realizará em Recife (de onde escrevo) em novembro de 2022. E, depois, por causa da própria comunhão sinodal da Igreja que se *fundamenta* na Eucaristia e para ela se destina.

A EUCARISTIA FUNDAMENTA A IGREJA SINODAL

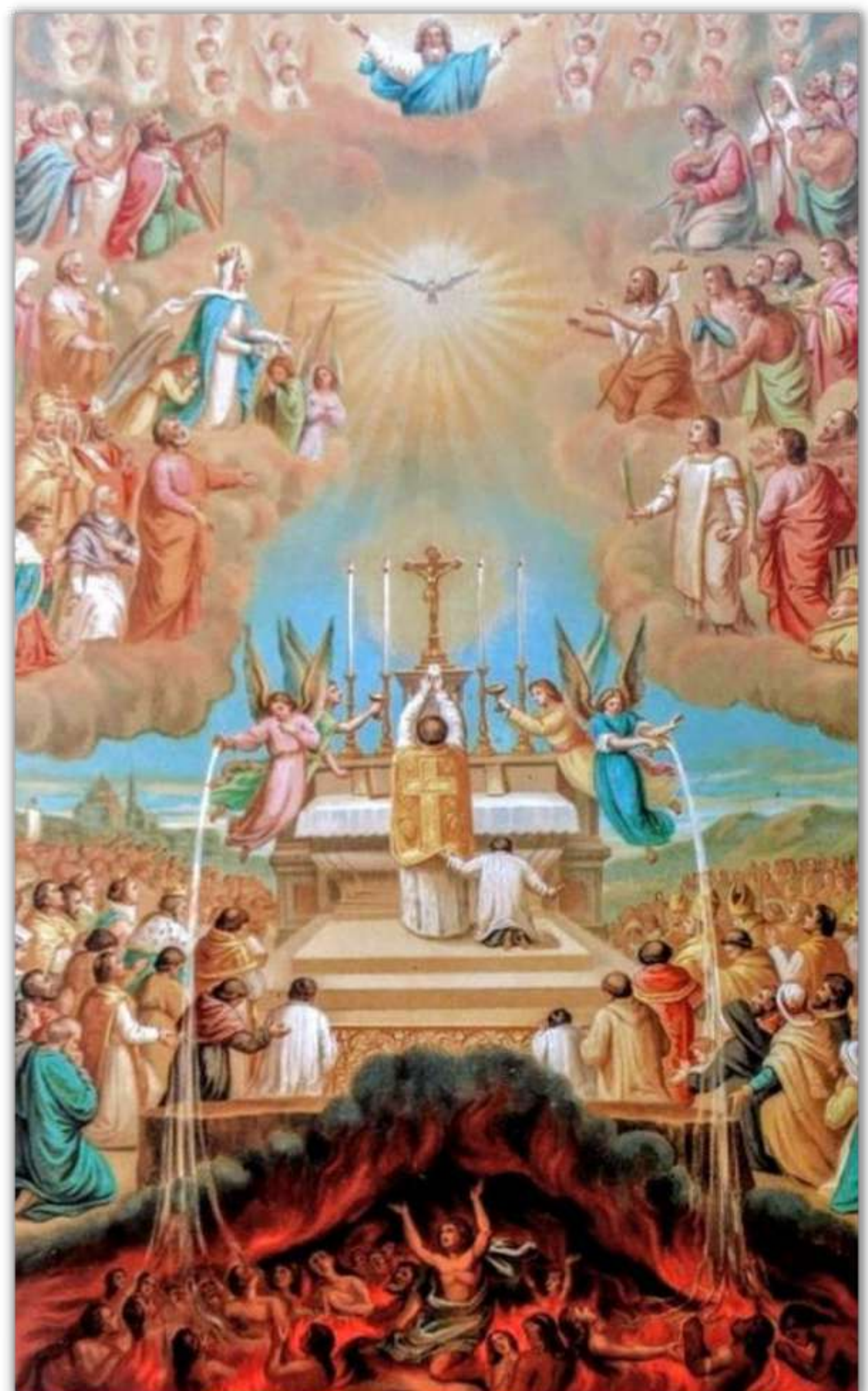
Falar em fundamento é garantir uma base sobre a qual o edifício se ergue. Desse modo, se é verdade que a Igreja é ícone da Trindade, como afirma Bruno Forte interpretando a *Lumen Gentium*, é também verdade que o seu ser e agir são constituídos de Eucaristia (cf. *Sacramentum caritatis*, 15). Há, por assim dizer, uma relação de reciprocidade entre a Trindade, a Eucaristia e a Igreja: “No pão e no vinho, sob cujas aparências Cristo se nos dá na ceia pascal (cf. Lc 22,14-20; 1Cor 11,23-26), é toda a vida divina que nos alcança e se comunica a nós na forma de sacramento” (SCa, 8), porque “o primeiro conteúdo da fé eucarística é o próprio mistério de Deus, amor trinitário” (SCa, 7).

A Trindade em seu dinamismo sinodal vem a nós por meio de Jesus que se dá à Igreja de modo eucarístico. É por isso que a Eucaristia é também chamada de sacramento da caridade e da comunhão, porque ela não pode favorecer a exclusão, mas deve ser sempre a grande oportunidade onde todos e todas “sentam na verde relva” (Sl 22, 2; Mc 6, 39; 8,6) para se alimentar, apesar da falta de fé dos pastores (cf. Mc 6, 36). Nesse sentido, ao definir o tema (pão em todas as mesas) e o lema (“repartiam o pão com alegria e não havia necessitados entre eles” At 2,46) do XVIII Congresso Eucarístico Nacional, o Regional NE2 da CNBB afirma a dimensão sócio-sinodal da Eucaristia.

De um lado, a Eucaristia tem uma dimensão social e é Bento XVI quem já o afirma: “é necessário explicitar a relação entre mistério eucarístico e compromisso social. (...) É através da realização concreta dessa responsabilidade [restauração da justiça, a reconciliação e o perdão] que a Eucaristia se torna na vida o que significa na celebração” (*Deus caritas est*, 89). Sobre isso o texto base do Congresso nos diz: “[a eucaristia] não nos

aliena do mundo, nem nos torna cúmplices das injustiças sociais, mas, pelo contrário, nos faz participar da missão de Jesus Cristo, comprometendo-nos com os pobres e marginalizados deste mundo” (Texto Base, p. 90). De outro lado, como já ficou bastante evidente, ela tem uma dimensão sinodal. E antes de Francisco, era João Paulo II quem já nos lembrava: “A Eucaristia *cria comunhão e educa para a comunhão*” (*Ecclesia de Eucharistia*, 40).

Todavia, o paradigma que rege a sociedade atual nem de longe é aquele da cooperação. Reina entre nós a tentação da competição, das relações descartáveis e da invisibilidade em relação aos mais pobres. É importante falar sobre isso porque em vez de congregar, muitas de nossas ações contrariam a lógica evangélica da *sinodalidade* eucarístico-trinitária.



PARADIGMAS CONTRÁRIOS À SINODALIDADE

O papa Francisco tem como projeto pastoral a transformação da Igreja numa “mãe de coração aberto”, uma “casa aberta do Pai”, onde a Eucaristia “não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (*Evangelii Gaudium*, 46). Para que isto se efetive é preciso uma revolução no modo de enxergar o mundo, pois somente uma nova ótica das coisas gera uma ética renovada, um *jeito novo de ser Igreja*.

Um primeiro paradigma que se enraizou na cultura centrada na técnica, como é a nossa, é o do ser humano como unidimensional, isto é, a ideia de que nós somos tão somente um dado fechado em si mesmo, sem abertura transcendente. A própria filosofia moderna excluiu a possibilidade de se crer em Deus, a fim de que tudo se volte somente para o homem como ser que existe porque ousa pensar. Frente a isto, a pluridimensionalidade surge como uma alternativa salvífica. Somos seres de abertura e, desta feita, seres de comunhão. Francisco tem nos lembrado constantemente que tudo está relacionado com tudo e aí se inclui o ser humano (*Laudato Si'*). Para tal sugere uma “cultura do encontro”, transformada em *estilo de vida*, uma espiritualidade sinodal “que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes” (*Fratelli tutti*, 215).

A propósito, outro elemento que marca nosso tempo e rompe a dita espiritualidade sinodal é a uniformização da vida, que lida em sentido estrito pode ser encarada como uma negação à ação do Espírito que suscita criatividade. Essa cultura da superficialidade, da liquidez, da negação da processualidade cristaliza o humano e o transforma numa *esfera* que não respeita as diferenças entre os pontos. É diante da presente imagem que Francisco sugere a adoção de um modelo antropológico/cultural/espiritual/social como o *poliedro* “que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm sua originalidade” (EG, 236).



Por fim, há elementos na própria estrutura dos agentes eclesiais que contrariam o princípio trinitário-eucarístico da comunhão, havendo por isso a necessidade de uma conversão pastoral que supere o comodismo, o personalismo na evangelização, a falta de comunhão com o santo padre (com os bispos e com a CNBB), o clericalismo e a formação presbiteral inicial que infantiliza os candidatos e os prepara para um universo eclesial pré-tridentino. Diante disso, novamente Francisco nos orienta: “o primeiro nível de exercício da sinodalidade realiza-se nas Igrejas particulares (...). Só na medida em que estes organismos [da diocese] permanecerem ligados ao ‘baixo’ e partirem do povo, dos problemas do dia a dia, é que pode começar a tomar forma uma Igreja sinodal: tais instrumentos, que por vezes se movem com fadiga, devem ser valorizados como ocasião de escuta e partilha” (discurso por ocasião do 50º aniversário da instituição dos Sínodo dos Bispos).

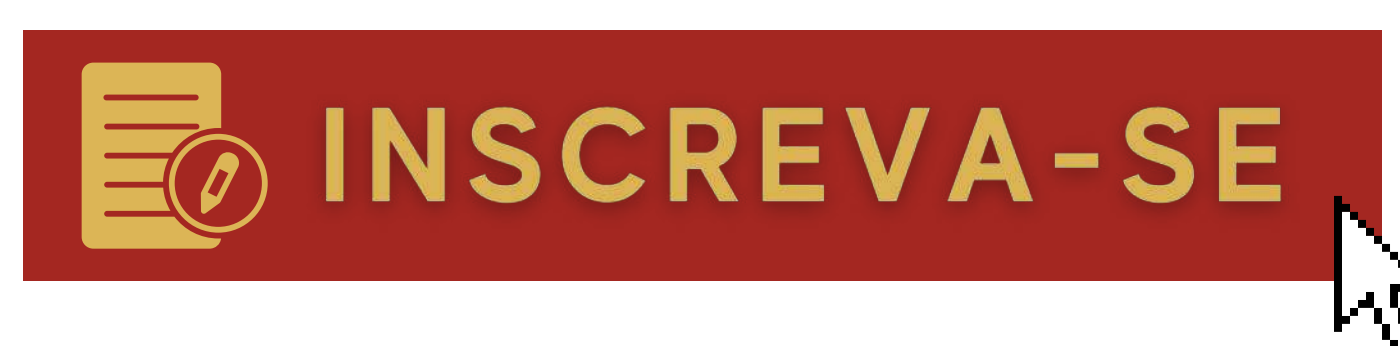


XVIII Congresso Eucarístico Nacional

Recife-PE

11 a 15 de Novembro de 2022

“Pão em todas as mesas”



Padre Pedro Igor Leite

Professor de Teologia da Missão na Universidade Católica de Pernambuco. Reitor do Seminário de Filosofia da Diocese de Garanhuns em Olinda – PE. E-mail: pedro.igor@unicap.br

NOSSA SENHORA DAS MERCÊS E SÃO JOSÉ



Um religioso mercedário, muito amigo, pediu-me para que escrevesse um artigo sobre Maria das Mercês e São José. Ao mesmo tempo, uma mercedária, também muito amiga, introduziu-me na espiritualidade Josefina e hoje entendo que entre esses dois mundos, o mercedário e o josefino, ou de outra maneira, entre Nossa Senhora das Mercês e São José não existe contradição, ao contrário. Como esposo e esposa, um completa o outro. Não existe Maria sem José, nem José sem Maria.

Sou um apaixonado pelo tema. Devo confessar, porém, que não tenho a especialidade que o tratamento teórico desta matéria exigiria. Conheço o livro de Leonardo Boff sobre São José, lí, também, um texto de Xabier Pikaza, uma espécie de introdução de um livro que este autor prepara sobre esta temática, a partir dos textos bíblicos. Lí, também, vários livros da Ed. Vozes, que pretendem estimular, na Igreja, a devoção a S. José. Mesmo assim, minhas credenciais, para tratar este tema, são muito humildes. Consigo me mover com mais facilidade no campo da psicologia e da psicanálise do que no campo da teologia e da Bíblia, saberes necessários para o que pretendo neste texto. Assim mesmo, farei o possível, pois o tema é apaixonante.

Desde muito jovem, a espiritualidade mercedária faz parte de minha vida. Como uma espécie de alento vital, o mundo mercedário faz parte de mim, desde adolescente. Para onde for, isto me acompanha. Já o mundo da espiritualidade josefina é uma aquisição recente, como afirmei no início. Entretanto, ela aumentou muito com o gesto do atual Papa Francisco, com a Carta Apostólica *PATRIS CORDE*, por ocasião do 150 aniversário da declaração de São José como Padroeiro Universal da Igreja.

Nos últimos cento e cinquenta anos de vida da Igreja, a devoção a São José vem aumentando, no cristianismo. Este aumento, de alguma maneira, tem sido promovido pelos papas, que o declaram “padroeiro” da Igreja. Se ele foi pai (adotivo) de Jesus é, também, pai da Igreja universal. Isto é muito bem-vindo, mas muito novo. Cento e cinquenta anos é muito pou-

co ao lado de mais de dois mil anos de cristianismo.

A rigor, não defendo, neste caso, uma tese teórica, nem faço um trabalho exegético, por falta de competência nesses campos; exponho uma experiência pessoal, que me leva a afirmar, convencido: a espiritualidade Josefina não se opõe à espiritualidade libertadora mercedária, muito pelo contrário, ela ajuda neste empenho. Ou de outra maneira: José é o esposo de Maria, não se opõe a Ela, ao contrário.

Ao longo deste texto falarei de três personagens: Maria, José e Pedro. Os dois primeiros são namorados e o terceiro é um rico comerciante, do século treze, que percorre os portos do Mediterrâneo, comprando e vendendo.

Mateus, o Evangelista, me ajuda a entender as relações destes dois namorados, Maria e José. Diz o Evangelista: “Maria estava prometida em casamento com José. Antes, porém de morarem juntos, ficou grávida do Espírito Santo. José, seu marido, sendo homem justo e não querendo denunciá-la, resolveu abandoná-la em segredo”¹.

Para a gravidez de Maria, o anjo pediu seu consentimento, é claro. Esse mesmo anjo aparece a José dizendo: “José, filho de Davi, não tenhas medo de receber Maria, tua esposa, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo”².

José era um descendente de Davi. Até ele, os homens eram os “portadores” das promessas. Ou seja, as mulheres importavam como “geradoras” dos filhos. Só.

Com Maria e José, tudo muda, a este respeito: entre os dois, a posição do homem é outra. No lugar de usar a mulher e dominá-la como uma escrava, deve colocar-se a serviço da “nova vida”, gerada pelo Espírito, em Maria.

Ao mesmo tempo, de José foi exigido o que pode ser mais difícil para um homem: que renuncie a seu direito de ser o pai biológico da “Promessa” e aceite e cuide do



que Deus fez em Maria, sua esposa.

Alguns analistas afirmam que, a partir de Maria e de José, as relações homem-mulher deveriam mudar, na vida social. Entretanto, não é isso que se observa no mundo de hoje.

Numa conversa muito agradável, uma amiga me dizia: o ser humano carrega nas suas costas em torno a cinco mil anos de patriarcado. A partir de Maria de Nazaré e de José, o carpinteiro, as coisas, neste campo, mudaram. Na hora de Deus se fazer homem, o caminho de Jesus é diferente. É como se a mulher tivesse dito ao homem: nestas questões, você não impõe nada e não entende nada.

Ao mesmo tempo, depois de dois mil anos, o machismo continua imperando solto. Neste campo, as coisas não mudaram, a mulher continua sendo vista, com frequência, como “objeto” masculino, melhor dizendo, da tirania masculina. É só acompanhar o noticiário, os costumes, a moda, o estilo de vida moderna.

¹ Bíblia Sagrada. Ed. Vozes. Evangelho de São Mateus 1, 18-20

² Bíblia Sagrada. Ed. Vozes. Evangelho de São Mateus 1, 20-21.

Olhando a história atual noutra perspectiva, é possível fazer a seguinte afirmação: a maior problemática de hoje pode ser descrita com três letras: PAI. Em todos os lados e, de todas as maneiras, aparece a problemática paterna.

De forma um tanto sarcástica e apressada, um tipo de ciência “exata” afirma ter transformado a problemática da paternidade: é suficiente um banco de esperma ou uma barriga de aluguel para encontrar a solução. Assim de simples. Com isso, o problema “estaria resolvido”

Ainda no campo do saber, as ciências humanas, em geral, não estariam de acordo com esta solução. O laboratório das ciências exatas pode ajudar, sim, em alguns casos. Noutros, mais complica do que resolve. O ser humano não cabe num laboratório.

De maneira especial a Psicologia e a Psicanálise não podem assinar a proposta laboratorial, que pode servir, sim, para a criação de um camundongo, não para um ser humano. Um ratinho (um animal, em geral) não precisa passar pela escola e pela universidade, para viver, alimentar-se e reproduzir-se. Nasce já com uma espécie de “programa interno”, que o leva automaticamente a se orientar na vida. O estudo científico de animais afirma que o conceito de instinto dá conta do comportamento dos animais. Ao passar para o campo humano, contrariamente aos animais, tudo, absolutamente tudo, deve ser aprendido. O conceito de instinto não dá conta do ser humano. Falamos de algo que se acrescenta ao corpo físico e se identifica com o psíquico, (a religião fala em alma, a Psicanálise de pulsão). No caso de Jesus, ao entrar no mundo humano, teve que aprender tudo, absolutamente tudo: precisou de uma mãe, sim. Mas precisou, também, de um pai. E José foi o pai, passou tudo que se refere ao mundo humano para Aquele que seria o Salvador.

Para entender melhor o que acontece com a figura masculina no mundo moderno, relato uma história acontecida, neste ano, em Alicante, uma cidade da Espanha: o prefeito da cidade, para enfrentar os efeitos da pandemia na vida das pessoas (levantar o ânimo de todos, diminuir o efeito da pandemia na economia, enfrentar o negativismo, pediu a um artista, José Manuel (Pachi) que fizesse uma escultura sobre a Sagrada Família. Durante dois meses, o artista elaborou a seguinte cena: um São José de 18 metros de altura, ao lado de Nossa Senhora de 10 metros e Menino Jesus de três. A obra de arte foi colocada na praça de Prefeitura, no centro da cidade. As pessoas começaram a visitar o evento e os mais curiosos se perguntavam: o que significa tudo isto? O que o artista quis representar com este tipo de Sagrada Família? As respostas eram as mais diferentes. Eu me atrevo a expressar a minha opinião: o mais importante, na cena, a meu



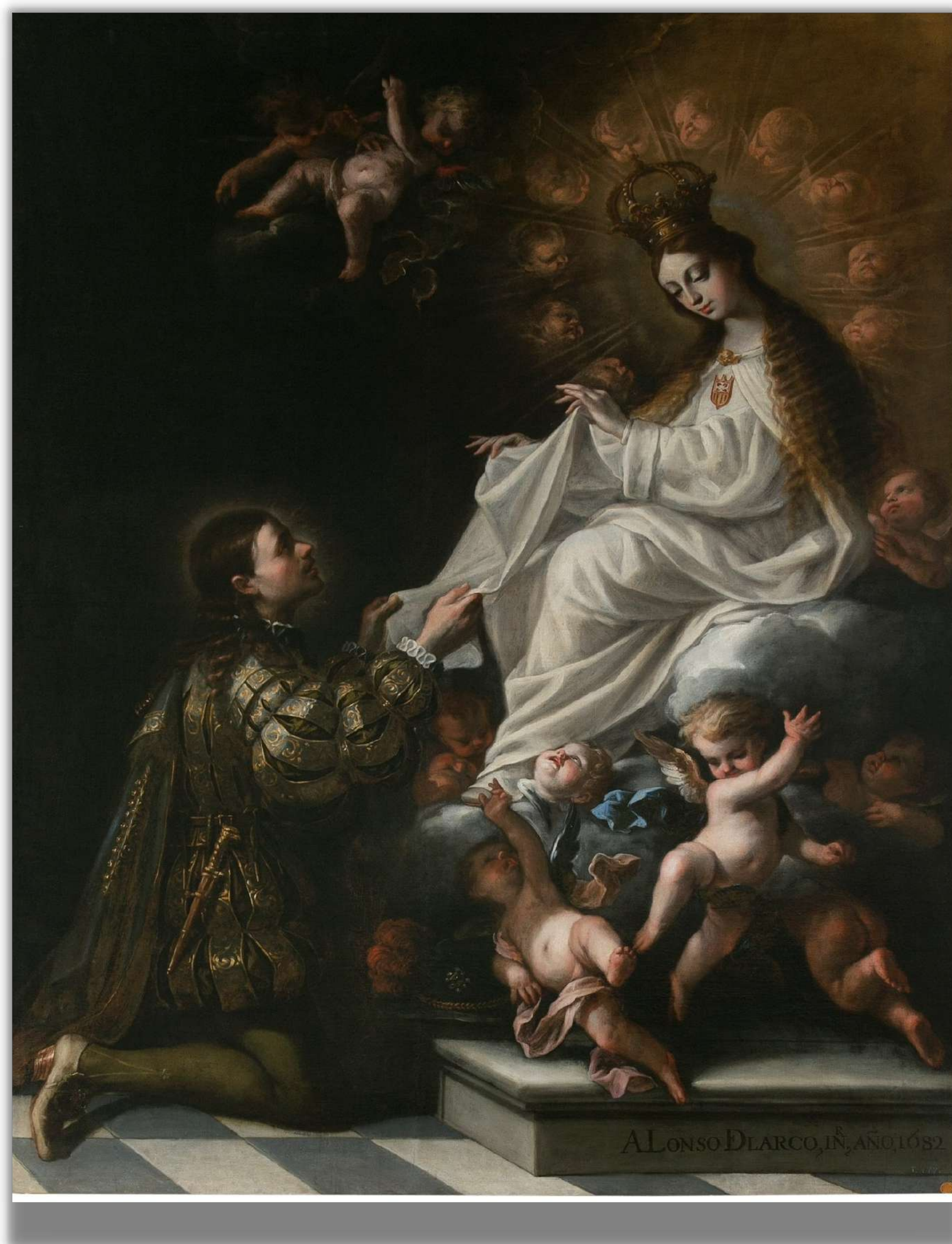
SAGRADA FAMÍLIA - JOSE MANUEL GARCIA

modo de ver, acontece no inconsciente do artista e das pessoas. A rigor, homem alto só existe na fantasia do artista: na realidade, ele é um “ANÃO”, do tamanho do pai nos tempos de hoje, ausente, incapaz de passar para os mais novos a Lei, a vida, o mundo humano.

Estamos no ano josefino, como falei antes. Para celebrar 150 anos da declaração do Esposo de Maria como Padroeiro da Igreja Católica, o Papa Francisco convoca o “Ano de São José” com a Carta Apostólica “Patris Corde- com o coração de Pai, publicada no dia 8 de dezembro de 2020. Desta maneira, esta Carta retoma o Evangelho para salientar o papel central de São José na história da Salvação. Elenco, apenas, o Sumário da mesma, para entender como a figura de José ganha relevância na história da salvação, hoje: 1. Um amor de Pai, 2. Pai na ternura, 3. Pai na obediência, 4. Pai no acolhimento, 5. Pai com coragem criativa, 6. Pai trabalhador, 7. Pai na sombra.

O simples elenco dos temas já nos põe em contato com o papel fundamental de José, na história do Evangelho e na história da Salvação, hoje.

Pedro é a terceira figura, ao lado de Maria e de José, neste meu relato. Uma primeira maneira de falar de Pedro é afirmar que era um comerciante, bem-sucedido, do início do século treze. Percorria os Portos do Mediterrâneo comprando e vendendo telas finas. Nesse deambular, se defronta com o tráfico de pessoas. Especialmente aquelas que caíam na “franja da morte”, na Península ibérica, eram vendidas como se vende hoje um carneiro ou um boi. Isto impactou profundamente o ânimo e as convicções do jovem Pedro. Para, de alguma maneira, enfrentar esta problemática, começa, com um grupo de amigos, a comprar pessoas, mas não para ganhar dinheiro, mas para devolver às mesmas a liberdade perdida. Como uma bola de neve este movimento foi crescendo até desembocar, por inspiração de N. Senhora, na



APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS A
SÃO PEDRO NOLASCO

Fundação de Ordem Mercedária, denominada Ordem de Nossa Senhora das Mercês ou da redenção dos cativos. Os historiadores sérios desta problemática afirmam que o trabalho dos frades mercedários mereceu um novo título a Maria, como a N. Senhora das Mercês ou da redenção dos cativos.

De repente começam a aparecer as possíveis semelhanças e diferenças entre estes dois homens. As diferenças aparecem à primeira vista: um, José, pertence ao início do cristianismo, no século primeiro; o outro, é um senhor bem-sucedido, um comerciante do século XIII. Externamente, nada a ver. Ao mesmo tempo, existem semelhanças muito profundas entre ambos: José, para se casar com Maria, precisou converter-se, para cuidar da esposa e de Jesus. Por seu lado, Pedro, na experiência de comprar e vender, sua vida muda de rumo. Agora compra liberdade, aquela que Jesus comprou morrendo na Cruz.

José, para fugir de Herodes, pega o jumento e foge com Maria e o Menino para o Egito, para uma terra estranha, como refugiados, sem os direitos fundamentais de um trabalhador, que precisa ganhar o sustento para alimentar a família, sua mulher e filho. Por sua vez Pedro, enfrenta a fúria do mar e a expertise dos corsários e se larga na aventura de comprar a liberdade dos cativos, na Argélia. Ou seja, de alguma maneira, Pedro e José se juntam ali onde faltam as condições básicas para se viver, quando a vida social vira um cativeiro, seja no século treze ou no século vinte e um.

E Maria das Mercês, de forma diferente, ajuda os dois, como esposa ou como Mãe das Mercês ou da redenção dos cativos.

Neste sentido, toda a Família mercedária, religiosos, religiosas e leigos precisam se confrontar com a experiência do Pedro comerciante e do homem “justo”³: deixar-se interrogar até que ponto, como cristãos, servem a Maria e seu Filho.



Possivelmente, José e Pedro (Nolasco) sejam os melhores companheiros de caminhada neste seguimento de Jesus, nos tempos atuais.

Na minha maneira atual de ver as coisas, a figura de José termina sendo muito, muito importante, ao lado Pedro, o comerciante abastado e de Maria das Mercês, é claro. Na busca da liberdade, em todas as suas expressões, a figura de José é emblemática, um autêntico modelo que serviu para o processo da geração de Jesus e para o processo da geração espiritual do cristão e do mercedário. No início da vida de José está a conversão; no início da vida mercedária, Maria das Mercês nos diz: *"ite ad Joseph"* (ide a José) homens e mulheres aprendei com José. Sem conversão, nada feito: para enxergar os cativos de hoje e para entrar nas masmorras dos tempos atuais. Como foi dito no início, entre a obra de Maria das Mercês (de Pedro) e de José não há oposição, ao contrário.

Estou chegando de uma viagem a Salvador para renovar meu Passaporte. Joana e eu fomos acolhidos pela comunidade do noviciado mercedário da Pituba. Pudemos acompanhar “a geração da vida mercedária” que ali é feita. Voltamos muito satisfeitos e agradecidos: a capela fala alto. Jesus sacramentado, no centro; de um lado são Pedro Nolasco; de outro, N. Sra das Mercês e são Raimundo Nonato. E noutro ambiente, da mesma capela, a figura de são José. Perfeito. Esse é o clichê que os noviços levarão consigo vida afora, fruto do trabalho da comunidade formadora, especialmente do mestre de noviços, Pe. Edalan e da comunidade como um todo. Muito, muito bom. Valeu mesmo. Obrigado à comunidade mercedária da Pituba que nos acolheu. E um obrigado especial ao Provincial, Pe. John, de Brasília.

Na hora da saída, o Pe. Edalan nos deu um presente especialíssimo. Uma talha representando são José e o menino Jesus. O menino está em pé, sobre uma espécie de cai-

³ É desta maneira que o Evangelho se refere a José.

xote de carpintaria, apoiado na ponta dos dedos dos pés e os braços esticados, buscando o pescoço do pai. José, recebendo o abraço do filho e fazendo cafuné na cabeça do mesmo. Uma cena única.

Em síntese, José cuida de sua esposa e de seu filho: quando o imperador publica a lei do censo, José e Maria, (esta, prestes a dar a luz), se dirigem à cidade. Porque não havia hospedagem, ele arruma umas palhas num presépio, para o nascimento do filho.

Quando Herodes ameaça matar o menino, os três fogem para o Egito, num jumento. E aí vivem como refugiados, sem os direitos fundamentais de um trabalhador, que precisa ganhar o sustento para alimentar a família, sua mulher e seu filho. Poder-se-ia dizer que esse porão humano, desprovido da liberdade de ir e vir, de trabalhar, de morar, etc... está na base da espiritualidade mercedária, na vida de Pedro Nolasco.

De alguma maneira, Nolasco e José se juntam, ali onde faltam as condições básicas para se viver, quando a vida social vira um cativeiro. E Maria das Mercês, de forma dife-

rente, ajuda os dois.

O Jesus homem aprendeu a ser gente com José. Aprendeu a ter a profissão de carpinteiro para trabalhar e ganhar o sustento de cada dia.

Quando, mais tarde, Jesus chama a Deus de Paizinho (ABA) possivelmente tinha esta experiência de base: o pai do céu só podia ser semelhante ao pai da terra. Procede a teoria de Boff, a respeito.

Resumindo: José e Pedro se convertem, cuidam de Maria e de Jesus (nos cativos) e depois de fazer tudo, desaparecem de cena. Não buscam holofotes. Contrariamente ao que assistimos a toda hora neste nosso mundo narcisista, que só fala: eu, eu, eu. Eu sou o maior, e sou o melhor.

Retomo o que afirmei no início: entre a espiritualidade mercedária e o mundo de José não há contradição, ao contrário.

É possível que as reflexões feitas neste texto sejam, apenas, meros balbucios à espera de um aprofundamento maior do tema que poderá ser feito noutro momento, com mais informação e mais competência.



Manuel Maria Rodrigues Losada

Graduação em Psicologia pela Universidade Gama Filho, em Filosofia e Teologia - Universidad de Salamanca , mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Psicologia Escolar pela Universidade Gama Filho e doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

60 ANOS NA MISSÃO DE EDUCAR E ENSINAR!

Há 60 anos, no dia 16 de fevereiro de 1962, era fundado em São Paulo-SP o Colégio Mercedário Nossa Senhora das Mercês. Nessa época, tudo era muito diferente: as estradas eram de terra, matas fechadas, muitas chácaras e sítios. O ambiente era praticamente rural. A Vila das Mercês era conhecida como Vila dos Quaquá ou dos Quarenta. Foi nesse ambiente que surgiu o Colégio Mercedário com a missão de fazer a diferença na forma de educar e ensinar. Essa missão se concretizou, foi assumida e continua sendo realizada todos os dias. Ao longo dessas seis décadas temos uma linda história escrita e vivida. E os personagens dessa história são todos os que passaram pelo Colégio Mercedário. Somos gratos a todos que nos ajudaram e continuam ajudando a escrevermos de modo tão nobre e sublime a história do colégio Mercedário: desde sua fundação até a continuação de sua missão nos dias de hoje.

Durante esses 60 anos o Colégio Mercedário esteve sempre preocupado em fazer com que o estudante de fato seja o centro de todo processo formativo. O sujeito é o estudante. Tudo existe em função dele. Somos convictos de que desse modo o estudante tem mais possibilidade de encontrar sentido para sua existência e construir um projeto de vida que o guie e o motive para a realização de seus sonhos e objetivos. Somado a tudo isso, propomos uma relação íntegra entre colégio, professor, estudante e família. É assim que a história dos

60 anos de existência do Colégio Mercedário vem sendo escrita e vivida.

Atualmente o colégio Mercedário oferece cursos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. O ensino é fundamentado em valores humanos, cristãos e éticos. É um Colégio que pensa com muito amor a educação da juventude a fim de que nossos jovens possam ter uma vida digna, cheia de sentido e um futuro promissor. Ao longo desses 60 anos o Colégio Mercedário tem formado cidadãos éticos com valores, atitudes, competências e habilidades intelectuais únicas que fazem toda diferença na qualificação e nas mais variadas exigências que estão presentes no mundo do trabalho.



O Colégio Mercedário continua com excelência a sua missão de educar e ensinar nos dias de hoje. Todos os nossos educadores são profissionais qualificados, preparados e muito comprometidos com a excelência educacional, com a sensibilidade e a disponibilidade, com a criatividade e a inovação, com a criticidade e a ética, com a responsabilidade social e a solidariedade, com o conhecimento científico e com a espiritualidade.

Nossos estudantes, ao longo dos 60 anos, têm aprendido e continuam aprendendo conosco a ser, a conviver, a conhecer, a sentir, a amar, a fazer, a acreditar, a respeitar e ajudar os outros, enfim, a colaborar na construção de um mundo solidário e sustentável. Esse é o compromisso do Colégio Mercedário. Tudo isso nos faz ter muito orgulho desses 60 anos de existência. Olhando para a bonita história vivida, escrita e construída continuamos com afinho nossa missão de transformar a vida de todos os nossos estudantes. Somos muito felizes, servindo a vida, na missão de educar com amor. Gratidão a todos que fazem parte dos 60 anos de existência do Colégio Mercedário Nossa Senhora das Mercês.



Frei Jociel Batista de Carvalho

Mestre em Filosofia pela PUC-SP e especialista em Formadores para a Vida Religiosa pelo Instituto Santo Tomás de Aquino. É ainda graduado em Teologia pela PUC-SP e licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. Atualmente é diretor administrativo do Colégio Nossa Senhora das Mercês em São Paulo – SP. No mesmo colégio é professor de Filosofia, Sociologia e Orientação Profissional. Desde 2014 é padre da Ordem de Nossa Senhora das Mercês – Mercedários.



AJUDE A RESTAURAR VIDAS!

O Recanto Mercê é um projeto sem fins lucrativos que acolhe pessoas que desejam se libertar dos vícios decorrentes do uso, abuso ou dependência de drogas.



Banco do Brasil

Agência: 3478-9

Conta Corrente: 136692-0



PIX

CNPJ: 34.292.938/0001-44



ASSISTA JÁ!



Fazenda

**Recanto
Mercê**

VENÇA A DEPENDÊNCIA QUÍMICA, PROCURE-NOS.

📞 61- 9126 5120 / 61- 98254 8538

✉️ recantomerce01@gmail.com

A VIRGEM DA LUZ: MÃE, LIBERTADORA E PADROEIRA

Que a Mãe de Jesus tem vários nomes, isso todos já sabemos; esses nomes se referem às mais diversas situações dos seres humanos, a lugares e aos mistérios da vida de Cristo, também sabemos; Para fortalecer nosso conhecimento, vamos lançar algumas palavras nas três perspectivas que marcamos no título dessa mensagem: Mãe, Libertadora e Padroeira.

Enquanto Mãe, a festa de nossa Senhora da Luz se insere dentro das prescrições das leis judaicas que obrigavam as mães a apresentarem seus filhos no templo cerca de 40 dias depois do parto. Era também o momento da mulher que deu à luz ser purificada, isto porque o contato com o sangue no momento do nascimento da criança a tornava impura e, portanto, impedida de se aproximar do templo. Se formos contar, desde a noite de 24 de dezembro até ao dia 02 de fevereiro, passam-se 40 dias que podem ser remetidos ao tempo que o povo de Israel caminhou pelo deserto rumo à terra prometida!

Assim, a festa de Nossa Senhora com o título da Luz está inicialmente vinculada com a apresentação de Jesus que é tido por Simeão como “Luz para iluminar as nações e glória do povo de Israel” (Lc 2,32). Maria é, então, Mãe da Luz que é Jesus; que veio para iluminar a todos, tanto o povo de Israel, como as demais nações. Jesus é uma Luz para todas as pessoas.

Nas devoções do povo se encontram algumas explicações para o surgimento da devoção a Nossa Senhora da Luz, e o mais surpreendente é a proximidade do título de Nossa Senhora da Luz com o título de Nossa Senhora das Mercês. O título das Mercês vinculado a Maria surge com a prática dos mercedários ainda no século XIII quando libertavam os cristãos perseguidos e aprisionados pelos Mouros.



PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA E APRESENTAÇÃO DO MENINO JESUS

A VIRGEM DA LUZ

**A Pituba, tua terra,
ó Senhora da Luz
pede com carinho:
mostra-nos teu Jesus.**

**Protege-nos, Mãe,
com teu terno poder
e ajuda-nos sempre
a todo o mal vencer!**

**Liberta-nos, Senhora,
de toda aflição
retirando as trevas
de nosso coração.**

**Padroeira querida
concede-nos teu amor
leva-nos a Jesus
divino Salvador!**



Conta a história que um português chamado Pero Martins na metade do século XV, buscando riquezas no continente africano, foi aprisionado pelos muçulmanos. O tempo que passou como cativo pediu a Nossa Senhora pela sua libertação. Até que um dia a Virgem lhe apareceu em sonho com uma auréola iluminada por uma formosa Luz indicando que ele fizesse uma ermida em honra da mesma Virgem em Carnide, Lisboa.

Tendo sido libertado pelos muçulmanos Pero Martins retornou a Portugal e, no lugar indicado pela Virgem, edificou uma ermida em honra à Senhora da Luz por sua libertação, achando em seguida uma imagem da Virgem no local por ela indicado. Esse fato nos vincula diretamente com os religiosos que conduzimos a Paróquia porque somos da Ordem de Nossa Senhora das Mercês que é libertadora. Para aqueles que estão nas trevas dos cárceres venha a Luz da Virgem libertadora!

Nas terras da Pituba a devoção à Senhora da Luz como padroeira vem de muito tempo, dizem que desde o período imediatamente posterior às sesmarias com uma pequena capela dedicada à Senhora da Luz. Posteriormente, no princípio do século XX, o senhor Joventino Pereira da Silva tendo comprado a fazenda, começou um loteamen-



PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA LUZ, SALVADOR – BA

to em suas terras construindo em 1954 uma igreja em suas propriedades bem próximo da praia.

Desde 1960, quando foi criada a Paróquia com o título de Nossa Senhora da Luz, nossa Padroeira não cessa de interceder por todos e cada um de seus paroquianos. Hoje, na difícil situação da pandemia que vivemos, somos instados a recorrer a ela, nossa padroeira, para que nos proteja das trevas da vida e nos ilumine em nossos caminhos concedendo-nos a Luz que é Jesus.



Pe. Frei Fernando Henrique, O. de M.

Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Luz em Salvador – BA.

Conselheiro provincial da área de Vocações, formação e estudos.

10 ANOS DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS



PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS, IBIRITÉ - MG

A Paróquia Nossa Senhora das Mercês, localizada na Arquidiocese de Belo Horizonte, na cidade Ibirité, festejou no dia 31 de março deste ano, 10 anos de sua instalação.

A data foi marcada pela celebração eucarística onde fiéis de todas as seis comunidades se reuniram para dar graças a Deus por este momento especial. Agradeceu-se a Deus, em primeiro lugar, o amor e a devoção à Nossa Senhora das Mercês, da parte de Dom Walmor Azevedo, arcebispo de Belo Horizonte, atual presidente da CNBB. Esta Paróquia, nascera do seu desejo de manifestar a Maria tamanho carinho, pois, na Arquidiocese de Belo Horizonte, não havia, até então, uma Paróquia dedicada à Senhora das Mercês, cuja devoção ele cultivava desde a infância.

A data foi um momento para recordar o sentido espiritual de uma Paróquia. Essa palavra aparece em 1Pd 2,11 para referir-se aos peregrinos. Um paroquiano é um peregrino e uma Paróquia é uma casa de peregrinos. Essa ocasião foi propícia para a tomada de consciência de que não temos aqui morada permanente, mas que nossa casa eterna é o céu, junto de Deus. Daí, decorre a necessidade de que cada paroquiano sinta o outro como seu companheiro de jornada rumo a Deus e que, mutuamente, nos ajudemos a sermos santos, seguindo os passos de Jesus.

Além disso, como devotos e devotas da Senhora das Mercês, nos comprometemos, a partir da meditação da Palavra, a combater todas as formas de escravidão, deste mundo pós-moderno, derivadas da idolatria, conforme se depreendia, do elenco das leituras bíblicas da quinta-feira da quarta semana quaresmal. Quando Deus não é o absoluto do ser humano, este passa a ser escravo dos bens e a escravizar os demais.

Demos graças a Deus pelas seis comunidades que compõem a Paróquia (Bom Pastor, Nossa Senhora dos Remédios, São Francisco de Assis, São Pedro apóstolo, São João Batista e Santa Terezinha do menino Jesus), pelas lideranças pastorais e comunitárias e pelo trabalho social realizado (atendimento psicológico, pastoral da saúde, pastoral da sobriedade, assistência à Comunidade Terapêutica de Dependentes químicos Nossa Senhora Aparecida). Ao final da celebração, renovamos a nossa consagração à Nossa Senhora das Mercês, pedindo a ela que protegesse e intercedesse por todos os paroquianos.

A Paróquia se prepara para, no dia 14 de novembro, acolher o Encontro Nacional da Fraternidade Leiga Mercedária e a Celebração Encerramento do Centenário da Segunda Vinda dos Padres Mercedários ao Brasil. Sintam-se convidados. Ibirité os acolherá com a típica hospitalidade mineira.



CELEBRAÇÃO DE DEZ ANOS DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS



Pe. Frei. Inácio José, O. de M.

Mestre em Teologia Sistemática com concentração em Bíblia pela Faculdade de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE).

Pároco da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês em Ibirité-MG.

PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

É MAIS ANTIGA QUE A CIDADE DE BRASÍLIA

Missa solene celebrou o aniversário de 63 anos de fundação da Paróquia Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora das Mercês, que foi inaugurada em 1959 para atender pioneiros na construção da capital federal e que hoje é referência de fé e empreendedorismo no Distrito Federal.



PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Uma paróquia acolhedora, com um trabalho social consistente e que a cada dia consegue atender mais gente, unindo evangelização e caridade. Assim pode ser definida a Paróquia Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora das Mercês, localizada na quadra 615 da avenida L2 Sul, em Brasília. A Paróquia, uma das mais antigas do Distrito Federal, e completou os seus 63 anos de fundação nesta quarta-feira (2/02). A data será lembrada com a celebração de uma missa solene, que deve reunir toda a comunidade e integrantes das diversas pastorais e movimentos que garantem o funcionamento longo e reconhecido da Igreja.

Ao explicar a importância da data, o pároco frei Rogério Soares, lembra que chegar a essa marca, depois de dois anos de pandemia tem um significado especial. “Por meio de orações, da acolhida e das muitas transmissões, conseguimos fazer da nossa igreja um bálsamo para aqueles que estavam com medo, inseguros e tensos com as limitações que a covid-19 impôs às cidades”, pontuou completando que centenas de vulneráveis de várias regiões do Distrito Federal têm encontrado apoio na paróquia que, dessa forma, se consolida como “um farol de luz e esperança”.

Como exemplos dos trabalhos sociais desenvolvidos, frei Rogério destaca o projeto Coração Aberto, o Petas do Frei e a Feirinha do Frei, que garantem renda e sustento de quem precisa. Além das iniciativas que buscam a emancipação da pessoa assistida, por meio do seu trabalho e do incentivo ao empreendedorismo, a igreja mantém a distribuição de alimentos e outras ajudas materiais em casos emergenciais.



IMAGEM NOSSA SENHORA DAS MERCÊS
PARÓQUIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E NSRA. DAS MERCÊS

TRAJETÓRIA DA PARÓQUIA

A história da Paróquia Sagrado Mercês remonta à época da construção de Brasília. Tanto que a sua inauguração se deu pouco mais de um ano antes da fundação da capital federal. Em 1959 foi autorizada pelo então arcebispo de Goiânia, Dom Fernando, a funcionar como igreja a paróquia Sagrado Coração de Jesus, sob a administração de Padre Eduardo, missionário do coração de Jesus. Foi quando passou a atender pioneiros e candangos que chegaram para construir a cidade. Apenas anos mais tarde passou a integrar a arquidiocese de Brasília.

Em mais de seis décadas, a igreja foi palco de centenas de celebrações sacramentais: casamentos, crismas, batizados, novenas. Uma infinidade de eventos que trouxeram conforto espiritual e permitiram o mais genuíno exercício da fé cristã. Com a saída dos padres missionários em 1989 para Minas Gerais, Dom Falcão com o intuito de tornar conhecida a devoção a nossa senhora das Mercês aqui no planalto central, ofereceu aos padres mercedários a administração da paróquia.

A missão administrativa e devocional foi conferida ao padre José Fernandez Martinez que contou com o auxílio dos padres Fernando Cascón Raposo e Manuel Louzada para desenvolver esta incumbência evangelizadora.

A construção do atual templo foi um desafio, vencido pelos mercedários com o apoio e o compromisso da comunidade. Em 17 de outubro de 1993 foi realizada a dedicação do templo e o acréscimo do nome de Maria ao nome original da paróquia. A partir de então passou a se chamar Paróquia Sagrado Coração de Jesus e nossa Senhora das Mercês.

PETAS DO FREI

Tudo começou em agosto de 2020, quando, segundo o idealizador do projeto, frei Rogério Soares, muitas pessoas chegavam à Igreja Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora das Mercês, na Asa Sul, pedindo ajuda. “Pediam de tudo, do alimento ao gás, mas, mesmo que conseguíssemos dar isso tudo para as pessoas, uma hora iria acabar, e elas precisariam de mais. Então, pensei em uma forma de geração de renda para que pudessem tirar o sustento a partir dali”, explica o religioso.

E assim nasceu a marca Petas do Frei. Fabricados em Anápolis (GO), os biscoitos são ensacados em Brasília, ganham adesivos e, então, são entregues a dezenas de pessoas desempregadas que vendem os produtos nas ruas da cidade. Os produtos são levados em consignação e, com o dinheiro gerado pelas vendas, paga-se o custo, enquanto o restante – o lucro – fica para o vendedor.

“Eu agradeço muito a oportunidade porque foi uma luz quando fiquei desempregada durante a pandemia. Acreditei no produto e saí para vender. Ofereço as petas até nos sinais [semáforos] e vendo bastante; está dando para pagar as contas”, contou Maria do Socorro Lima, a primeira vendedora das Petas do Frei. De agosto para cá, ela não só consegue o sustento da família por meio do projeto, como também já tem um CNPJ como Microempreendedor Individual (MEI).

Juntamente com os cerca de 30 vendedores dos biscoitos, a marca cresceu. Com ajuda da fábrica goiana, ganhou embalagem personalizada e agora, está nas prateleiras de uma grande rede de supermercados do Distrito Federal, onde o produto passará a ser vendido. Atualmente, 12 mil unidades chegam semanalmente à capital federal – somando com o supermercado e os vendedores individuais.

Com a garantia de obter uma renda que varia entre R\$ 100 e R\$ 150 por dia, os vendedores do biscoito participam, todas as quintas-feiras pela manhã, de cursos gratuitos de formação empreendedora oferecidos pelo frei Rogério. Lá, aprendem educação financeira, técnicas de venda e empreendedorismo. “São matérias essenciais para desenvolvimento deles”, enfatizou o criador do projeto, que incentiva a formalização para que os vendedores possam ter acesso à seguridade social, de saúde e aposentadoria.



FEIRINHA DO FREI

Um dia inteiro de compras e de oportunidades. Dessa forma pode ser traduzida a primeira edição da Feirinha do Frei, a mais nova iniciativa social da Paróquia Sagrado Mercês, que fica na Asa Sul em Brasília. A feira reuniu 12 expositores atendidos no Programa Coração Aberto, lançado há quatro meses pela igreja com o propósito de acolher, orientar e ajudar pessoas que perderam as fontes de renda por causa da pandemia da covid-19. Montadas no estacionamento da Paróquia, as barracas padronizadas ofereceram produtos variados ao longo de todo o dia.

Quem esteve no local pôde saborear alimentos variados: de empadas a pães caseiros feitos com ingredientes pouco convencionais, como farinha de banana, além de geleias, picolés e doces. Também foi possível comprar peças de artesanato como enfeites, tapetes, além de vasos e suportes para plantas. Dona Aparícia, expôs uma grande variedade de geleias feitas em casa. Cléo vendeu todo o estoque de empadas, Maísa teve a oportunidade de oferecer as peças que cria em crochê enquanto Mário apostou na venda de bijuterias para arcar com as despesas como aluguel e faculdade.

Além das barracas padronizadas e da adoção de medidas de higiene e de distanciamento social, todos os expositores usaram camisetas do projeto. “Gostei muito. Tivemos um bom movimento e as pessoas realmente demonstraram interesse em comprar”, resumiu Daniel, um dos artesãos selecionados.



Paróquia Sagrados Coração de Jesus e Nossa Senhora das Mercês

Endereço: Via L2 Sul Quadra 615 - Asa Sul
Brasília, Distrito Federal 70200-750

Telefone: (55)(61)3346-4155

Email: contato@sagradomercês.com.br

Site: <http://www.sagradomercês.com.br>

Horários das Missas:

Domingo: 08h, 10h, 17h, 19h

Segunda-feira à sexta-feira: 07h, 19h

1ª Sexta-feira do mês: 15h

Sábado: 07h, 17h, 19h

Confissões:

Segunda-feira à Sábado: 18:15.



**“FALA COM SABEDORIA,
ENSINA COM AMOR”**

(PR 31,26)